

ANAIS DA 2ª SEMANA DO EMPODERAMENTO FEMININO

21 A 25 DE NOVEMBRO DE 2020

Instituição Promotora

Grupo PET Biologia - UFU

Coordenação

Ariadine Cristine de Almeida - Coordenadora Geral

Ysla Demétrio Cardoso - Coordenadora do Evento

Comissão de Divulgação e Identidade Visual

Brennda Valyery de Souza

Daniel Pereira Sousa

Fernanda Oliveira Rodrigues

Isabella Dias de Oliveira

Kevin Oliveira dos Santos

Comissão Científica

Jenyffer Stefany Pereira Martins

Pedro Augusto Oliveira

Luana Carvalho Luz

Secretaria

Ana Júnia Fernandes

Miriam Fidelis Silva Santos

Saemi de Souza Hayashida

Considerando-se que as desigualdades de gênero são acentuadas devido às ideologias advindas de traços culturais, do sistema religioso, das legislações, dos modos de vida social e do próprio sistema educacional, o ambiente universitário o reproduz e é ainda repleto de processos e estruturas que reforçam a posição de subordinação das mulheres. Ao mesmo tempo, a Universidade ainda é um espaço privilegiado para o fomento de reflexões e ações de inversão desta injusta e desigual realidade. Sob uma perspectiva freiriana de ensino que garante ao sujeito evoluir de uma consciência ingênua para uma consciência crítica da sua condição atual, temos que o empoderamento pode ser posto como o aumento da conscientização que leva a desenvolver a criticidade e, consequentemente, ocasiona transformações sociais. De fato, o conceito de empoderamento é abordado como uma estratégia conquistada por grupos historicamente apartados, e por mulheres em especial, para ressignificar suas próprias vidas e promover transformações sociais nas relações de domínio e subjugação. Concebe-se que as mulheres se tornam empoderadas, através da tomada de decisões coletivas e de mudanças individuais. Em consonância com a contínua necessidade de oferta de estratégias e espaços de empoderamento feminino, o Grupo PET Biologia promoveu A Segunda Semana do Empoderamento Feminino: 983 dias sem Marielle Franco que teve como objetivo promover a autoestima e empoderamento da mulher nos diversos âmbitos da vida cotidiana, bem como discutir e provocar o questionamento quanto às desigualdades e preconceitos que permeiam sua vida, seja devido ao gênero, raça, classe social ou cultura.



2ª Semana do Empoderamento Feminino
983 dias sem Marielle Franco



NASCIDA EM 27 DE JULHO DE 1979 EM UMA FAVELA DO COMPLEXO DA MARÉ NO RIO DE JANEIRO, MARIELLE FRANCO FOI UMA POLÍTICA E SOCIÓLOGA BRASILEIRA.



EM 2016 FOI ELEITA VEREADORA DO RIO DE JANEIRO, SENDO A QUINTA CANDIDATA MAIS BEM VOTADA. SUA TRAJETÓRIA, QUE COMEÇARA MESMO ANTES DE SUA ELEIÇÃO, ERA EM PROL DOS DIREITOS DA POPULAÇÃO NEGRA, DAS MULHERES, DA COMUNIDADE LGBTQIA+, E DOS MORADORES DE FAVELA.





EM POUCO MAIS DE UM ANO DE ELEITA, MARIELLE JÁ HAVIA REDIGIDO 16 PROJETOS DE LEI, DOS QUAIS 2 FORAM APROVADOS: UM QUE REGULOU O SERVIÇO DE MOTOTÁXI E A LEI DAS CASAS DE PARTO.



ELA TAMBÉM INTEGROU COMISSÕES DE DEFESA DA MULHER E CONTRA A INTERVENÇÃO FEDERAL NO RIO DE JANEIRO. TRABALHOU NA COLETA DE DADOS SOBRE A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER, PELA GARANTIA DO ABORTO EM CASOS PREVISTOS POR LEI E PELO AUMENTO DA ATUAÇÃO DA MULHER NA POLÍTICA.



EM 14 DE MARÇO DE 2018, MARIELLE FOI EXECUTADA, E APESAR DE JÁ TEREM SIDO PRESOS DOIS DOS POSSÍVEIS ASSASSINOS, ATÉ HOJE NÃO SE SABE QUEM MANDOU MATAR MARIELLE.

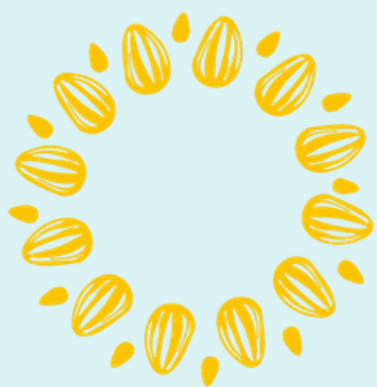


SUA MORTE DESENCADEOU REAÇÕES NO BRASIL E NO MUNDO, GERANDO PROTESTOS QUE PERDURAM ATÉ HOJE EM BUSCA DE RESPOSTAS. POR ISSO, NO RIO DE JANEIRO, O DIA 14 DE MARÇO FICOU MARCADO OFICIALMENTE COMO O DIA MARIELLE FRANCO - DIA DE LUTA CONTRA O GENOCÍDIO DA MULHER NEGRA.





SUA FAMÍLIA CRIOU ENTÃO O INSTITUTO MARIELLE FRANCO, QUE É UMA ORGANIZAÇÃO SEM FINS LUCRATIVOS, COM A MISSÃO DE INSPIRAR, CONECTAR E POTENCIALIZAR MULHERES NEGRAS, LGBTQIA+ E PERIFÉRICAS A SEGUIREM MOVENDO ESTRUTURAS DA SOCIEDADE POR UM MUNDO MAIS JUSTO E IGUALITÁRIO.



INSTITUTO
MARIELLE
FRANCO

NEM MESMO A MORTE FOI CAPAZ DE CALAR A VOZ DESSA MULHER TÃO IMPORTANTE PARA A HISTÓRIA DO BRASIL.



RESUMOS SIMPLES

1. A VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA NA VISÃO DE UNIVERSITÁRIAS
2. INCLUSÃO DIGITAL E EMPODERAMENTO FEMININO
3. MULHER TRABALHADORA: REALIDADE EM ITUIUTABA (MG)
4. O COMBATE A VIOLÊNCIA NA UNIVERSIDADE

RESUMO EXPANDIDO

1. A IDENTIDADE DA MULHER BRASILEIRA E O ROMANTISMO

POEMAS

1. DE ÚTERO CHEIO
2. MULHER, SÓ FORÇA

ILUSTRAÇÕES

1. AS GRANDES MULHERES DA HISTÓRIA
2. NÃO SE NASCE, TORNA-SE



RESUMOS SIMPLES



A VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA NA VISÃO DE UNIVERSITÁRIAS

Thalita Santos Silva¹; Soraia Veloso Cintra²

Faculdade de Administração, Ciências Contábeis, Engenharia de Produção e Serviço Social, Universidade
Federal de Uberlândia (FACES/UFU)

¹thalitassantos98@gmail.com

RESUMO:

O presente resumo apresenta os estudos iniciais do TCC cujo tema é a violência obstétrica e as mulheres negras. O principal objetivo é estudar o tipo de violência que atinge unicamente as mulheres em estado gestacional. A violência obstétrica pode ser praticada por qualquer profissional da saúde, como médicos (as) ou enfermeiros (as) e possui como características discriminação racial e de gênero; violação dos direitos humanos; procedimentos desnecessários ou excessivos (episiotomia, manobra de kristeller, dentre outros); agressão verbal/psicológica, do tipo “entrou agora vai ter que sair”, “negras são como coelho, só dão cria”, e mais. Pelas pesquisas é possível saber que as mulheres negras e brancas podem sofrer com essa forma de violência por desconhecer os seus direitos e/ou acreditar que tais intervenções são normais e necessárias, porém, as negras podem sofrer ainda mais, pois estereótipos do passado e racismo se fazem presentes: elas seriam mais fortes, mais resistentes a dor, o que não é verdadeiro. Se percebe, diante disso, que as mulheres acabam perdendo sua autonomia, os seus direitos são violados, a saúde da mãe e do bebê são colocados em risco. O estudo almeja chamar atenção para esse fato, com o intuito de gerar mais conhecimento acerca dos direitos que essas mulheres possuem, compreender como se decorre essa violência e as maneiras de evita-la, visando uma melhor qualidade e assistência ao parto. As mulheres universitárias da FACES serão convidadas a participar da pesquisa para contar suas experiências de parto e como compreendem a violência obstétrica.

PALAVRAS-CHAVE: Violência obstétrica; Mulheres negras; Saúde

INCLUSÃO DIGITAL E EMPODERAMENTO FEMININO

Larissa Diniz Carias Ferreira¹ ; Edileusa da Silva²

Faculdade de Administração, Ciências Contábeis, Engenharia de Produção e Serviço Social, Universidade
Federal de Uberlândia (FACES/UFU)

¹larissadiniz253@gmail.com

RESUMO:

O presente resumo, foi desenvolvido a partir do projeto de extensão, ofertado pelo curso de Serviço Social-UFU, no período de 2019 a 2021, no qual realiza atividades voltadas para a inclusão de mulheres acima de 40 anos, no meio digital, que residem no entorno do campus Pontal. Mulheres que por muito tempo foram vítimas de uma sociedade fundada em desigualdade social de gênero, vivem uma dura realidade entre conciliação do trabalho e família, são reprimidas pela busca de seus sonhos para se dedicar ao lar. Dito isso, o objetivo se pauta em construir e transmitir conhecimento e saberes, a partir das aulas, por meio da relação Universidade e Comunidade Externa. Os encontros ocorrem no laboratório de Informática da UFU/Campus Pontal, com o intuito promover a inclusão dessas mulheres no meio digital, ensinando a manusear as ferramentas tecnológicas para que as mesmas, possam realizar buscas sobre seus direitos e assuntos de seu interesse. São realizadas rodas de conversa, cujos os temas são referentes ao trabalho, saúde, direitos, conquista e luta e vivência de cada uma dessas mulheres, sempre respeitando a individualidade de cada uma. Desse modo, a seleção para participação no projeto de extensão acontece por meio de critérios socioeconômicos, em que busca dar oportunidade para as mulheres que se encontram em situação de vulnerabilidade. Atualmente o projeto de extensão atende em torno de 15 participantes, a maioria na faixa etária de 50 anos, que realizam trabalhos em casas, e viram a oportunidade de ampliar seu conhecimento no meio digital. Portanto, é de suma importância para a Universidade e para Comunidade Externa, a realização dos encontros, pois promove a essas mulheres inclusão, empoderamento e ampliação de seus conhecimentos.

PALAVRAS-CHAVE: Mulheres; Inclusão Digital; Empoderamento Feminino

MULHER TRABALHADORA: REALIDADE EM ITUIUTABA (MG)

Susana de Araújo e Paiva¹; Soraia Veloso Cintra²

Faculdade de Administração, Ciências Contábeis, Engenharia de Produção e Serviço Social, Universidade
Federal de Uberlândia (FACES/UFU)

¹susanaaraujopaiva@gmail.com

RESUMO:

Este resumo apresenta uma pesquisa sobre o trabalho da mulher nas indústrias de laticínios no município de Ituiutaba (MG). É importante ressaltar que o trabalho da mulher é essencial para o desenvolvimento da sociedade, mas apesar do seu protagonismo as condições nem sempre as favorece, pois dela é exigido não apenas o trabalho fora do lar, mas dentro. Apesar de nos encontramos no ano 20 do século XXI, lutando pelo empoderamento, continuamos discutindo que mulheres e homens são iguais e por isso deveriam ter as mesmas condições de trabalho. O patriarcado se faz presente cotidianamente. As mulheres estão buscando caminhos para que possam exercer seu trabalho de forma digna e justa, sem discriminação. A ideologia dominante influencia as decisões exercidas na sociedade afetando diretamente as mulheres; deste modo é necessário que elas permaneçam firmes na manutenção dos seus direitos, para que não sejam violados. Nesta pesquisa estamos buscando conhecer as estratégias e os enfrentamentos das mulheres trabalhadoras da indústria de laticínios, espaço ocupacional pouco pesquisado. Para a realização da pesquisa as mulheres serão convidadas a responder um questionário com perguntas abertas e fechadas, para entendermos seu trabalho, seu cotidiano, sua luta por direitos. A cidade possui duas indústrias de laticínios e, de acordo com estudos preliminares, pelo menos 35% da mão de obra é feminina incluindo tanto o chão da fábrica quanto a área administrativa.

PALAVRAS-CHAVE: Mulheres; Direitos; Trabalho; Laticínios.

O COMBATE A VIOLÊNCIA NA UNIVERSIDADE

**Soraia Veloso Cintra¹; Lays Oliveira Costa Venâncio ²; Maria Clara Magalhães de
Guimarães Pereira³**

Universidade Federal de Uberlândia (UFU)

¹soraia.veloso@ufu.br

RESUMO:

A Universidade Federal de Uberlândia congrega uma diversidade de ações voltadas à comunidade. São os projetos de extensão dos professores universitários que precisam atender aos requisitos do tripé Ensino, Pesquisa e Extensão. Em 2019, um dos desses projetos, “Eu combato a violência. E você?” foi aprovado visando oferecer atividades no campus de Ituiutaba (MG). Com a participação de duas discentes bolsistas, os objetivos eram: promover ações de prevenção a todas as formas de violência; discutir com a comunidade a aplicação da Lei Maria da Penha, e promover ações para que as mulheres se sintam fortalecidas para denunciar toda e qualquer forma de violência. As primeiras ações – exibição de filmes seguidos de debates – ocorreram no campus com a presença de discentes de ambos os sexos, com predominância das mulheres. Em 2020, por causa da pandemia, o projeto foi modificado para palestras e debates *on line* que terminam em novembro. Uma página no Instagram foi criada visando divulgar ações sobre o combate a violência. O projeto se faz necessário porque discutir violência é importante. As vítimas precisam de apoio, pois a violência contra a mulher não escolhe idade, classe social, religião, orientação sexual. Pode ocorrer em qualquer âmbito: no trabalho (desigualdade salarial, assédio sexual), no casamento (agressão física, ameaça calúnia, estupro), na participação social (a “coisificação” da mulher através da exploração do corpo pela mídia, o atendimento desumano nos postos de saúde), até mesmo no parto (violência obstétrica). Desde 1994, o Brasil é signatário da Declaração sobre a Eliminação da Violência contra a Mulher (Convenção de Belém do Pará) e a Universidade cumpre seu papel quando aprova projetos que leva para dentro e fora do campus a discussão de temática tão atual e necessária.

PALAVRAS-CHAVE: Combate à violência; Mulher; Extensão

RESUMO EXPANDIDO



A IDENTIDADE DA MULHER BRASILEIRA E O ROMANTISMO

Maria Eduarda dos Santos¹; Ana Beatriz Watanabe Dal Belo²; Bárbara Marques

Ribeiro Oliveira³

Universidade Federal de Uberlândia (UFU)

¹madudsantos07@gmail.com

RESUMO:

Desde os primórdios da civilização humana há a imposição de estereótipos femininos, determinados de acordo com as singularidades de cada tempo e espaço. A literatura repercute pelas obras e movimentos literários o contexto sócio histórico, biológico e cultural de cada época. Diante disso, este trabalho busca identificar quais as implicações desses fatores na construção da identidade da mulher brasileira. Para tal, foram consideradas as propriedades do movimento literário Romantismo, os aspectos culturais da sociedade da época, os aspectos físicos da protagonista, suas vestimentas e posição social, à partir da obra *Iracema*, de José de Alencar. Pode-se destacar as metáforas entre o corpo da índia e a natureza, a nudez aliada à pinturas e a produtos artesanais carregados de símbolos e significados socioculturais e “pureza” atrelada a separação social e benfazejo das atividades sociais atribuídas à ela. Fatores esses, que atribuem a mulher o ideal de dependente e inferior, o papel de mercadoria econômica, política e cultural, sendo, na maioria das vezes, sujeito passivo na formação de sua identidade. Constatando que a reverberação do contexto social, histórico, biológico e cultural pela literatura, implicam, neste caso, a determinação de padrões acerca do corpo, vestimentas e posição social das brasileiras.

PALAVRAS-CHAVE: Feminismo; Patriarcalismo; Gênero.

INTRODUÇÃO

Da Antiguidade até a Contemporaneidade, diversos padrões de estereótipos femininos foram estabelecidos, de acordo com o contexto sociocultural e político de cada época (GARRINI, 2007). Nesse cenário, não é questionável a existência de acumulação cultural na espécie humana, seja ela entre indivíduos ou gerações (ABRANTES, 2018). Diante disso, o homem, animal político e social tende a acrescentar e ser agregado pelo conhecimento presente no meio em que vive (ARISTÓTELES, 1991).

No Brasil, a determinação de um tipo ideal de corpo feminino está diretamente relacionada com os aspectos socioculturais, uma vez que determinados padrões desses pressupõem ascensão social, boas relações afetivas e visibilidade no mercado de trabalho. Posto isso, funcionam como um capital (GOLDENBERG, 2010).

Além disso, os projetos políticos pedagógicos das escolas enfatizam a desigualdade de gênero, uma vez que, abordam eles superficialmente, sendo assim, contribuem para a hierarquização e perpetuação de uma visão idealizada da mulher (DIAS; OLIVEIRA, 2015).

Aliado a isso tudo, há a abordagem vaga e não centralizada das diversas perspectivas culturais nos livros de Biologia, que reforçam um padrão de ensino de identidades sexuais e de gênero estereotipados, ordenados, centralizados e aceitos socialmente (SILVA et al., 2013).

A Literatura exerce influência sobre os indivíduos, porque pressupõe mudança de conduta, concepção de mundo e culminância de sentimentos referentes a valores sociais (CANDIDO, 2006). Desde a infância, as mulheres são submetidas subjetivamente aos modelos de comportamento e beleza contidos e enviesados nos discursos moralizantes dos contos de fadas, por exemplo. Essa conduta patriarcal é mascarada na literatura infantil, por meio, de fantasia, lirismo e encantamento, assim sendo, prescrevem os ideais femininos em determinado período e contexto histórico (RABELO, 2010).

O Romantismo é um movimento literário caracterizado pelo desvinculamento do indivíduo com o mundo racional, a ênfase do “Eu” e a construção de um ideal humano destoante das educações políticas e sociais (GUIMARÃES, 2016). Vigente entre os séculos XVIII e XIX, compreendeu a ascensão de Dom Pedro II e os conflitos políticos com Portugal, culminando o sentimento nacionalista, a construção de uma memória nacional e principalmente foi base para a formação da identidade (BHABHA, 2007).

Ademais, a partir da década de 70, o fortalecimento do movimento feminista a introdução da mulher no mercado de trabalho e na vida acadêmica impulsionaram um modelo de produção historiográfica que tem ela como eixo central, assim sendo, o contexto histórico contribuiu para a ascensão e caracterização dela com atributos não inferiores aos dos homens (RAGO, 1995).

As particularidades de cada período histórico, por exemplo a Idade Média, Renascimento, Iluminismo, exercem ou exerceram influência na construção dos paradigmas de cada indivíduo, concomitantemente, os sujeitos tendem a modificar e serem modificados pelos estímulos presentes no meio, behaviorismo. Desta feita, as características socioculturais de cada época são assimiladas e passam a fomentar a identidade singular de cada um (VIEIRA, 2005).

Ao serem inseridas na comunidade as mulheres estão sujeitas a fatos sociais, conjunto de condutas e pensamentos elaborados pela sociedade (DURKHEIM, 2004). Isto posto, este trata-se da análise do Romantismo, com ênfase no padrão de representação feminina, por uma alusão histórica, visando a melhor compreensão da construção da identidade da mulher brasileira e suas implicações, a partir de sua abordagem no movimento literário da época e aspectos socioculturais, os quais ela está entreposta.

O objetivo do presente trabalho foi identificar a relação e as implicações da abordagem da mulher no Romantismo, movimento literário brasileiro e a culminação da sua identidade, por meio, de uma obra que o represente, considerando os aspectos socioculturais que ele está inserido.

METODOLOGIA

A pesquisa realizada foi baseada na abordagem metodológica qualitativa, isto é, foi utilizada a obra *Iracema*, publicada em 1865, com 129 páginas, pelo escritor e político brasileiro José Martiniano de Alencar, pertencente ao Romantismo, para obtenção de dados. À partir disso, foram consideradas as propriedades do movimento literário que ela pertence e os aspectos socioculturais da sociedade da época, retratados ao longo do enredo e correlacionados com a mulher da trama. Também, acerca do estereótipo feminino foram analisados os aspectos físicos, cor do cabelo, formato do corpo. As vestimentas dela, vestido, calça, saia e a posição social, nível de escolaridade, ocupação, papel social exercido, por exemplo. Tudo isso, considerando a protagonista da trama como foco principal.

RESULTADO E DISCUSSÃO

Em relação às características do movimento literário foi observada a idealização da mulher centrada na pureza, no amor romântico e sofrimento. A fantasia atrelada a efeitos psicóticos e aspectos da natureza. O individualismo, sentimentalismo e a subjetividade intrínsecos a personagem *Iracema*. O territorialismo, nacionalismo e indianismo, mediando a descrição do território brasileiro, as propriedades dos nativos e dos exploradores. A religiosidade relacionada a cultura de *Iracema*, ela indígena e seu amado, cristão. A nostalgia e saudosismo correlacionados a expressão dos sentimentos de *Iracema*. A fauna e flora exaltadas na linguagem da narrativa, em metáforas com o estereótipo da protagonista.

No que tange o contexto sociocultural expresso na obra foram notados conflitos culturais envolvendo o regionalismo, territorialismo, nacionalismo, a colonização e exploração, tanto correlacionados a interação colonizadores e nativos, quanto entre tribos locais. A religiosidade como aspecto e diferença cultural entre os indígenas e os alheios, em especial *Iracema* e o estrangeiro. A divisão social do trabalho entre os integrantes das tribos e entre elas, *Iracema* era detentora do método de produção de uma espécie de licor narcótico, por exemplo. O indianismo na valorização e idealização nas diversas descrições da mulher na trama.

Referente ao estereótipo feminino, quanto aos aspectos físicos, foi percebido que Iracema é morena, com cabelos pretos, longos, olhos grandes, pele macia, lábios rosados e virgem. Todos esses aspectos são constantemente comparados, por meio de metáforas com os elementos da natureza, flores, frutas, animais, por exemplo. Além disso, há ênfase na repetição das palavras seios e virgindade da protagonista, na maioria das vezes relacionados à pureza e o benfazejo da atividade social atribuída a ela. Há a predominância da nudez e os aspectos naturais do corpo em detrimento às vestimentas, que eram limitadas a pinturas, cocar, penas e produtos artesanais próprios, carregados de símbolos e significados socioculturais.

A posição social de Iracema era, em um primeiro momento, serva da sua tribo, detentora da produção de um licor narcótico intrínseco a sua pureza e separação social, no caso, virgindade e impossibilidade de relacionamentos amorosos. Depois, ao conhecer o português Martim, passou a ser mãe, cuidadora e do lar. Além disso, em diversos trechos do livro ela é arqueira, tal habilidade é utilizada para defender seu amado e o filho, mas não para desbravamento do território e aventuras próprias, por exemplo.

Iracema está localizada no contexto sociocultural de colonização do Brasil, marcado por intensos conflitos internos e externos. O enredo ao qual a personagem está inserida marca a dificuldade de realizar seu amor por Martim, homem branco, visto que a diferença cultural entre ela e o colonizador, naquele contexto, era demasiada. A concretização do estar junto ao amado, ou seja, deixar sua tribo é marcada pela morte dela, desse modo a obra também enfatiza o patriarcalismo, uma vez que os valores da figura masculina são superiores aos da mulher brasileira, mesmo que eles custem a morte dela (FIGUEIREDO, 2000).

A obra Iracema faz parte do movimento literário Romantismo. Ele ocorreu durante profundas mudanças históricas no Brasil, uma delas a transferência da corte de Lisboa para o Rio de Janeiro. Diante disso, surge a necessidade de abordar as características femininas em comparação com as belezas do Brasil, ou seja, representar a modernidade e potencial do País metaforicamente. Ao descrever as possíveis vantagens exploratórias e empreendimentos do território brasileiro, por meio da mulher brasileira o autor atribui a ela a denotação de mercadoria política, econômica e cultural (ANANIAS; ZAMARIANO, 2014).

No Brasil, a partir de 1990, o culto aos aspectos físicos do corpo começaram a ganhar destaque, desta feita ele culminou uma nova cultura sendo que por meio dela é possível se pensar a identidade da mulher (BERGER, 2006). Paralelamente, na obra de (ALENCAR, 2008) a índia Iracema já possuía suas características físicas idealizadas e influenciadas pela sociedade que estava inserida, principalmente ao tê-las enviesadas ao desejo de sua tribo,

guardar o segredo de Jurema, a pureza, as características da natureza e pelas descrições de seu amante.

Na literatura a moda oferece ferramentas importantes para a elaboração das propriedades dos personagens, configurando uma imagem realista sobre eles para o leitor, pois as vestimentas dizem acerca da identidade social, cultural e individual e como eles e elas mudam no decorrer das narrativas (KRAICZEK, 2019). É perceptível o domínio da cultura sobre o modo de vestir de Iracema, no uso dos elementos de sua tribo, como penas, folhas, partes de animais, na identidade social, marcada pela produção artesanal de suas roupas e dos demais que a cercam e na individual, em que os traços são vistos na valorização das marcas físicas deixadas pelo decorrer do tempo e das pinturas corporais detalhando os marcos vividos.

Iracema perdeu o direito de exercer seu papel social na tribo no momento que fugiu para se relacionar com Martim, o estrangeiro branco. Suas atividades passaram a ser restritas a manutenção do lar e cuidados com o filho. Consequência desse contexto sócio histórico e chamada posteriormente de “natureza feminina”, essa questão é relatada com frequência hoje, uma vez que a mulher é confinada no lar, espaço privado, sem remuneração, permitindo que o homem cuide dos negócios no espaço público com desafios, poderes e produções, assim ela é vista frágil, dependente e maternal, desta feita repassa isso na educação dos filhos (CAIXETA; BARBATO, 2004).

A identidade dos indivíduos é constantemente transformada, por meio da coerção do discurso dos modos e práticas sociais específicos em nível societal e global, que também estão sempre mudando (FAIRCLOUGH, 2010). Nesse sentido, é observável que na obra, Iracema, na maioria das vezes não se molda identitariamente, mas é moldada, ora pelos costumes do seu povo, sendo a guardadora dos segredos de Jurema, imposto pela figura do Pajé, seu pai, ora pela paixão e cultura do seu amado, nomeado guerreiro, branco e estrangeiro.

CONCLUSÃO

À partir da compreensão do reflexo que a obra Iracema de José de Alencar, do movimento literário Romantismo, faz do aspecto sócio histórico, biológico e cultural desta época, pode-se compreender que esse período implica para a identidade da mulher brasileira a idealização do corpo, marcado pela comparação com aspectos da natureza, devendo ser ele moreno, de cabelos pretos e longos, lábios rosados, natural, puro, virgem, macio, não modificado esteticamente, assim como a fauna e flora era naquele tempo. Também,

influenciou as vestimentas dela, que carregadas de símbolos e signos culturais e da concepção social de “pureza” eram simplificadas a penas, cocar, pinturas, tudo artesanal, devido à ênfase da nudez, estado natural do corpo. Além da posição social, marcada pela ambiguidade entre êxito das atividades sociais, maternidade e relacionamento afetivo. Entretanto, no que tange a representação dela nas obras literárias há variância nos aspectos de escrita próprios de cada autor. Desse modo, para maior veemência e detalhamento da construção identitária é necessário o aumento quantitativo do espaço amostral, além de estudos acerca da capacidade que os estereótipos em relação a mulher, têm de romper o espaço e tempo.

REFERÊNCIAS

ABRANTES, Paulo Cesar Coelho. *Filosofia da biologia*. Rio de Janeiro: PPGFIL- UFRJ, 2018.

ALENCAR, José. *Iracema*. Campinas: Komedi, 2008.

ANANIAS, Anna Carolina Chierotti dos Santos; ZAMARIANO, Marcia. “Interface dos Estudos toponímicos com a Literatura em Iracema de José de Alencar”. *Revista Gelne*. Natal, v. 16, n. 1/2, p. 319-344, março. 2014.

ARISTÓTELES. *Ética a nicômaco*. São Paulo: Nova Cultural, 1991.

BERGER, Mirela. *Corpo e identidade feminina*. 2006. Doutorado (Programa de Pós-Graduação em Antropologia) - Departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil.

BHABHA, Homi. *Local da Cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

CAIXETA, Juliana Eugênia; BARBATO Silvine. “Identidade feminina: um conceito complexo”. *Paidéia*, Ribeirão Preto, v. 14, n. 28, p. 211-220, agosto. 2004.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.

DIAS, Alfrancio Ferreira; OLIVEIRA, Danilo Araujo. “As abordagens de corpo, gênero e sexualidades no projeto político pedagógico em um colégio estadual de Aracaju, SE”. *Holos*, Aracaju, v. 3, n.1, p. 259-271, junho. 2015. Disponível em

<http://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/view/3084/1104>. ISSN 1807- 1600.
<https://doi.org/10.15628/holos.2015.3084> . Acesso em 24/10/2020.

DURKHEIM, Émile. *As regras do método sociológico*. Barcarena: Editorial Presença, 2004.

FAIRCLOUGH, Norman. *Critical Discourse Analysis: The Critical Study of Language*. Reino Unido, Routledge, 2010.

FIGUEIREDO, Vera Lúcia Follain. “Revisitando os mitos românticos da nacionalidade”. *Alceu*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 91-101, dez. 2000.

GARRINI, Selma Peleias Felerico. *Do corpo desmedido ao corpo ultramedido: reflexões sobre o corpo feminino e suas significações na mídia impressa*. 2007. Doutorado (Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, SP, Brasil.

GOLDENBERG, Mirian. *O corpo como capital*. São Paulo: Estação das Letras e cores, 2010.

GUIMARÃES, Ana Rosa Gonçalves de Paula. “As principais características e atitudes do movimento romântico”. *Letras & Ideias*, João Pessoa. v. 1, n. 1, p. 66-85, maio, 2016. Disponível em <https://periodicos.ufpb.br/index.php/letraseideias/article/view/26432/0>. Acesso em 24/10/2020.

KRAICZEK, Francieli Lubina. *A influência da vestimenta na construção da identidade feminina em Machado de Assis*. 2019. Mestrado (Programa de Pós- Graduação em Estudos da Linguagem) - Setor de Ciências Humanas Letras e Artes da Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, PR, Brasil.

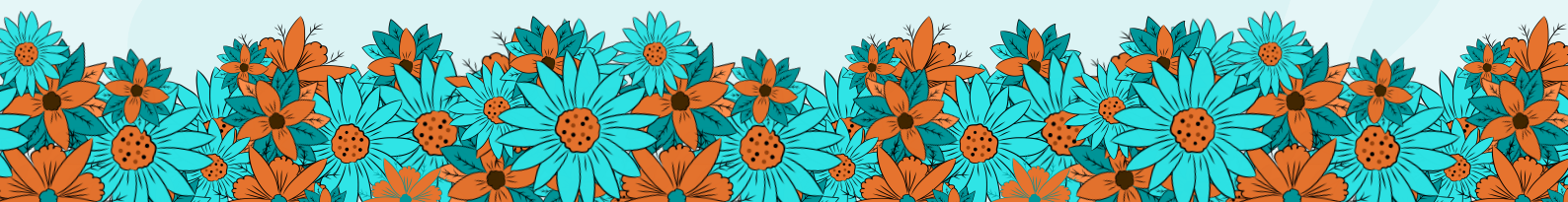
RABELO, Josiane Oliveira. “A construção da subjetividade feminina: uma reflexão a partir dos contos de fadas dos irmãos Grimm”. *Revista Psicologia Clínica*, Aracaju, v. 23, n. 1, p. 47-64, out. 2010.

RAGO, Margareth. “As mulheres na historiografia brasileira”. In: SILVA, Zélia Lopes (org.). *Cultura histórica em debate*. São Paulo: UNESP, 1995. p. 81- 90.

SILVA, Elenita Pinheiro de Queiroz. *et.al. Articulação entre conhecimento biológico e cultura em livros didáticos: o que se ensina com a Biologia. In: IX ENPEC*, ed. 9, 2013, Águas de Lindóia. Atas do IX Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências. ABRAPEC, 2013. p. 1-8.

VIEIRA, Josênia Antunes. “A identidade da mulher na modernidade”. *Revista Delta*, São Paulo, v. 21, n.3, p. 207-238, 2005.

POEMAS

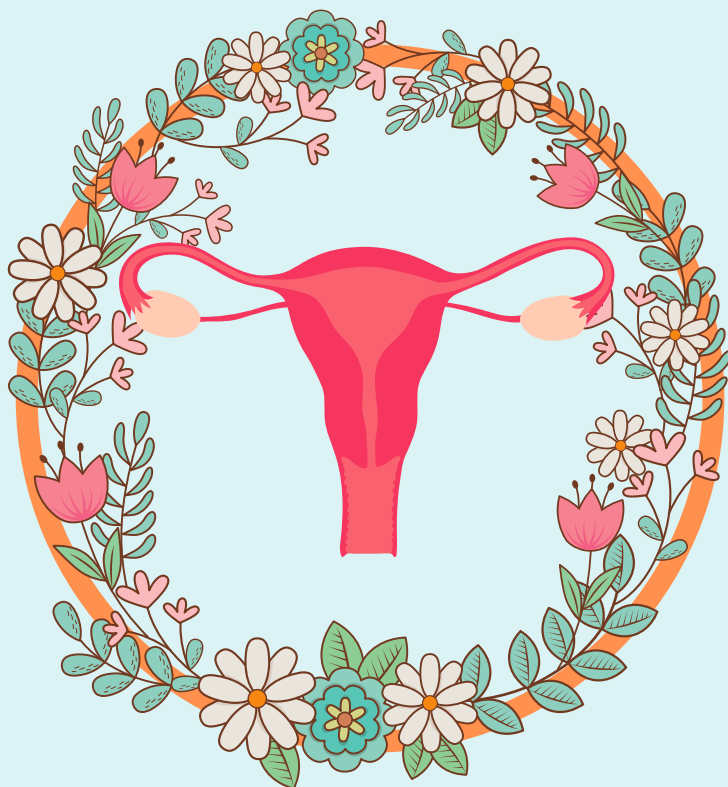


DE ÚTERO CHEIO

É difícil entender quando começamos a existir
Penso no útero da minha vó quando carregou a minha mãe
Dizem que eu já estava lá, em potencial
Este é nosso elo forte
Primeiro nasceu a minha mãe
E depois de preencher o espaço do útero da minha vó
Seguiu comigo seu caminho uterino
Carregou metade de mim, ao menos, a vida inteira
E, enfim, encheu seu útero de mim
Completei todo aquele espaço nunca vazio
Eu, ela e, potencialmente, minha filha existimos naquele útero
Faz um tempo que notei a importância do meu útero
A vigilância sobre ele incomoda desde a adolescência
17 anos, vestibular, mudança de cidade
Uma tia, como eu, tão pertencente a outros úteros
Disse da possibilidade do meu útero ser preenchido antes de eu
terminar a faculdade
Um diploma antes da hora, ela dizia
Meu útero ficou cheio naquele momento
Encheu-se de olhares
Eu mesma passei a olhar para ele
Desde então meu útero vive cheio
Cheio de controle
Aos 19 anos, ainda sem diplomas, não resisti
Por medo de encher ainda mais o meu útero
Enchi meu corpo de anticoncepcionais
Foram 10 anos
Contracepção: uma ideia de conservação do útero vazio

Mas meu útero, na real, sempre esteve cheio
E, mesmo tão cheio, não resisti
Por medo, enchi ainda mais o meu útero
Enchi de cobre
Meu útero está cheio
Na real, ele nunca esteve vazio
Meu útero está cheio
Cheio de olhares
Cheio de controle
Estou preenchendo úteros há algum tempo
Estive, em potencial, no útero da minha vó
Tive vida intrauterina no corpo da minha mãe
E agora, aos 31 anos, sigo minha vida uterina menstruando
Meu útero numa esteve vazio
Mas hoje ele anda muito cheio
Meu útero está cheio, apesar de não ter mais cobre
Estou de útero cheio!

AUTORA: Iane Ulhoa Faria



MULHER, SÓ FORÇA

Ser mulher
Sente a força disso?
Só quem é sabe o que acontece
Homens passam pano entre si
Eu não li nem ouvi, eu vivi
Te maltrata mas te ama?
Cê confia e ele engana
Te amo desgraça, te amo desgraça?
Não quero de graça, não quero de graça!
Quero trombar minhas parça
beber um cantina
Brinda, nega linda!
Todo santo dia são várias guerrilha
Mas nósis tamo viva.
Mulher, obra divina
Mãe, a grande rainha
Menina, descubra a vida
Sem medo, o dedo no grelo,
O fogo no gelo, ferida é feita pra meter o dedo.
Foda-se as opinião
A sua dispensa ninguém enche, não
Da sua vida só tu tem noção.
Trabalha, estuda, santinha ou puta
Nóis tem que ser culta, curta e bem grossa
MULHER INDEPENDENTE os homi não gosta.
“Avançada demais”
“Pra frente demais”
“Saia curta demais”
Demais é essa areia pro seu caminhão
Essa vai pras minhas parceira que são mó mulherão
Me inspiro, admiro, mó tiro!

Uma sobe e puxa a outra,
Aqui ninguém é louca
Eles não entende que aqui a ideia rende
Eles ficam no rente, enquanto nós mergulha
profundamente
Nadando contra a corrente
Só pra exercitar.

AUTORA: Karina Rodrigues Santos da Silva



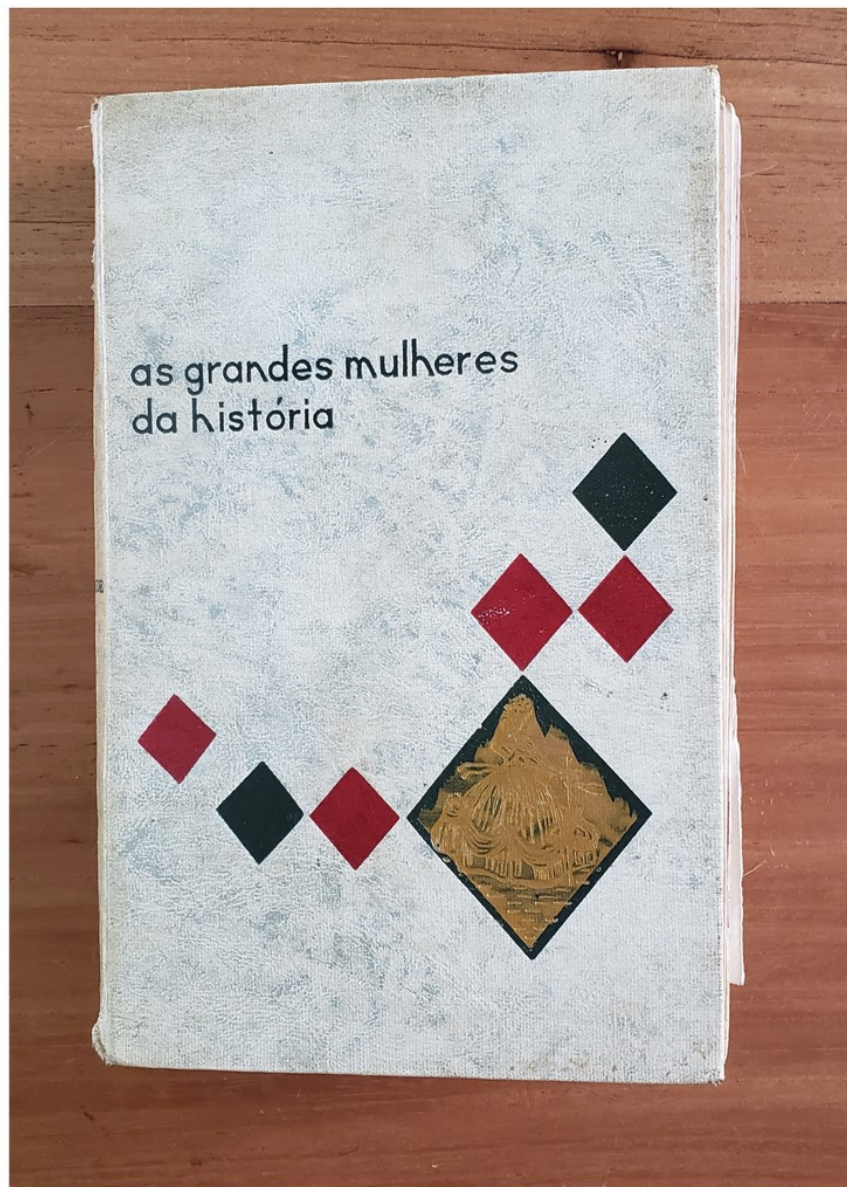
ILUSTRAÇÕES



TÍTULO DA OBRA: "A grande mulheres da história"

ARTISTA: Márcia Maria Melo Andrade

DESCRIÇÃO: A obra “As grandes mulheres da história” consistiu em um projeto artístico realizado no mês de outubro de 2019. O incentivo para realização do mesmo ocorreu através do evento “Inktober” que aconteceria naquele mês. O “Inktober” foi uma iniciativa do ilustrador Jake Parker, no qual durante o mês de outubro de 2009 fez um desenho por dia e postou nas redes sociais com a hashtag “#inktober”, algumas vezes somado como número do dia correspondente. Com o tempo, esse evento se espalhou mundialmente e desde então, vários artistas e ilustradores participam do mesmo durante o mês de outubro de cada ano seguinte. O livro antigo comprado no sebo, cujo título da capa é As Grandes Mulheres da História, foi usado como base para meu Inktober de 2019. Todo os dias eu pintava uma ou mais mulheres nas páginas do livro, variando em diversas técnicas e materiais artísticos: aquarela, tinta pva, nanquim, etc. O livro acabou se tornando as “minhas” grandes mulheres da história, de amigos conhecidos durante viagens, família, outros artistas, personagens e mulheres políticas Marielle Franco, Mônica Benício, Ismene Mendes, Elis Regina, são algumas das tantas mulheres retratadas no livro. Ao final do mês, foram pintadas 55 mulheres no total. Todos os dias a fotografia da pintura foi postada no Instagram @marrs_br. A experiência resultou num intercâmbio belíssimo de arte, histórias compartilhadas entre as mulheres e de empoderamento feminino.



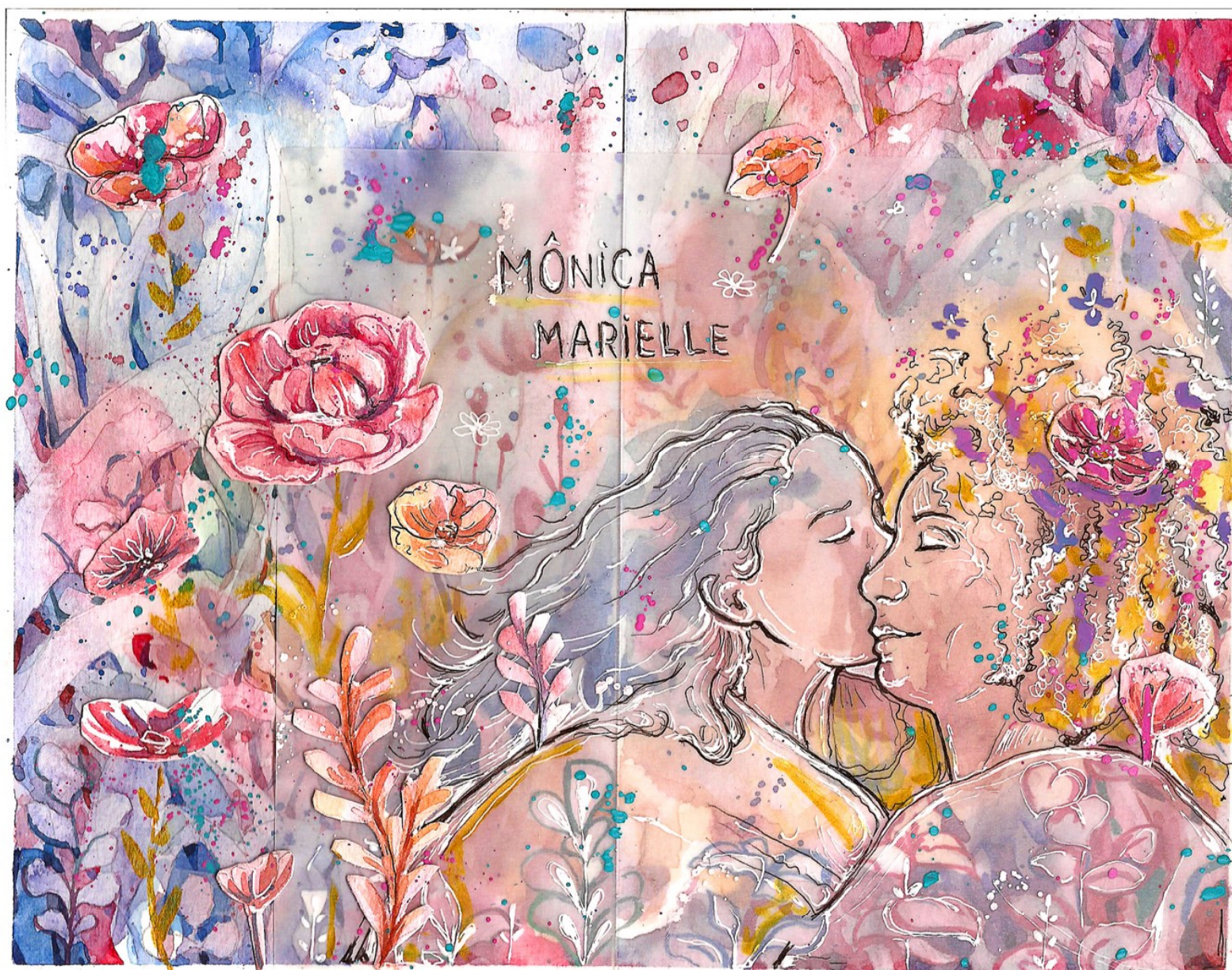
Mars

As Grandes Mulheres da História

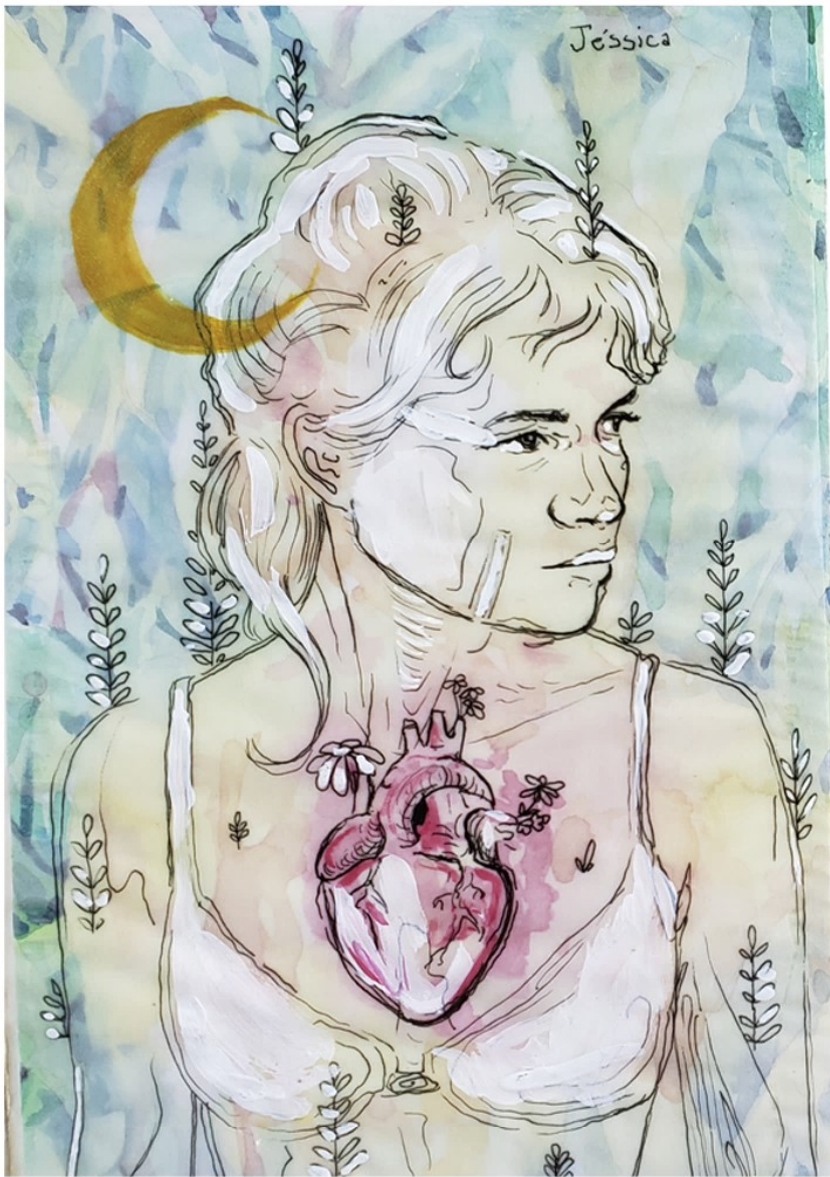
Aquarela, tinta pva, nanquim e colagem sobre livro.

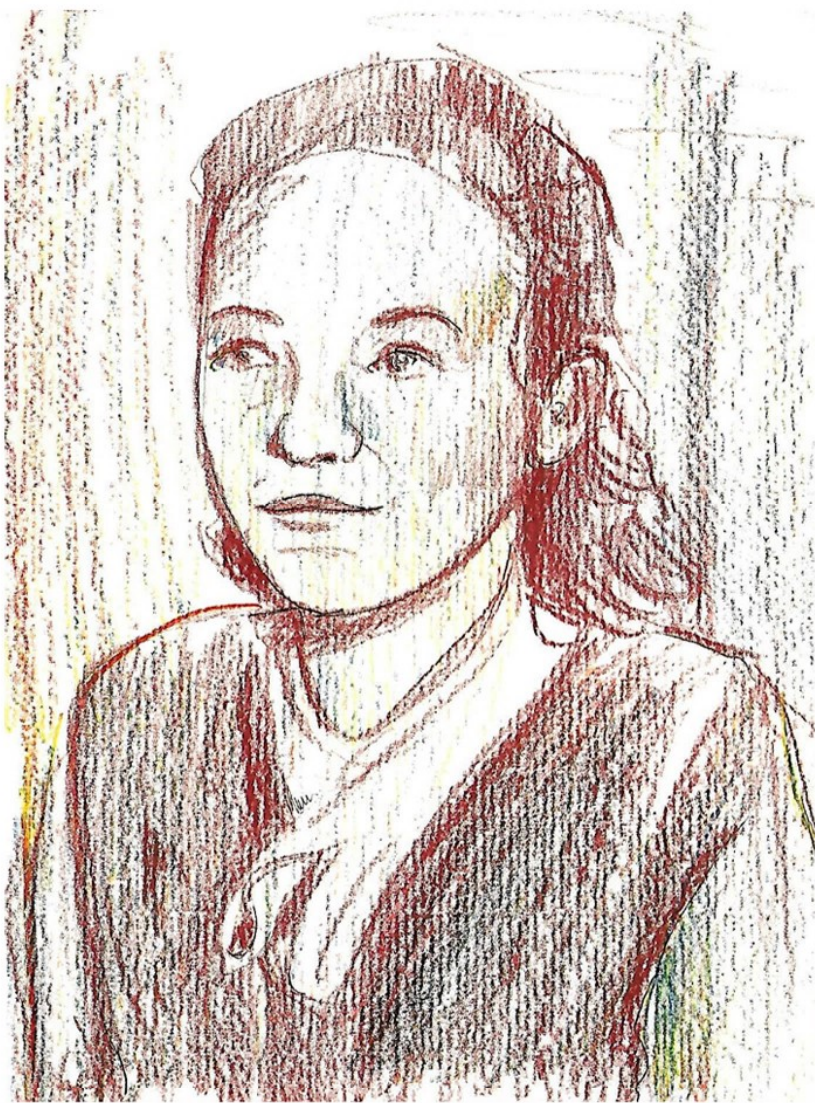
21cm x 13cm x 5cm

2019











TÍTULO DA OBRA: "Não se nasce, torna-se"

ARTISTA: Bianca Baltazar Barcelos

DESCRIÇÃO: Não se nasce, torna-se. Ao criar este composto de mulheres pensei representar um pouco de nossas diversidades acrescentei alguns elementos da biologia como por exemplo os animais, para representar meu curso e minha identidade como artista. O título surgiu porque cada um de nós veio ao mundo sem saber o que é de fato, e isso nos é dito por meio do nome, das roupas, do cabelo, enfim, por meio do patriarcado, mas a gente não nasce mulher, a gente luta todo dia e a cada dia a gente se constrói e se torna mulher. Todos os dias quebramos estereótipos, preconceitos e as vezes nos perdemos no que somos, somos da terra, da natureza, somos Deusas, somos maravilhosas com nossos corpos, nossas cores, nossos traços, nossa bagagem. Somos radiantes e temos uma força que nem a gente mesmo sabe. Somos unidas, nos tornamos mulheres. Cada uma dessas mulheres ilustrada representa tudo isso, e muito mais, você pode imaginar o que quiser e ser quem você quiser.

